

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DO SUL DE MINAS – UNIS/MG**  
**JORNALISMO**  
**NATHÁLIA CECILIA LUZIA MARTINS**

**ÁGUAS PASSADAS: retratos de uma Guapé marcada pela chegada de Furnas**

**Varginha**  
**2022**

**NATHÁLIA CECILIA LUZIA MARTINS**

**ÁGUAS PASSADAS: retratos de uma Guapé marcada pela chegada de Furnas**

Monografia apresentada ao Centro Universitário do Sul de Minas - UNIS/MG, como parte integrante dos requisitos para a obtenção do grau de bacharelado em Jornalismo, sob orientação do Prof. Lucas Rosa Paiva.

**Varginha  
2022**

**NATHÁLIA CECILIA LUZIA MARTINS**

**ÁGUAS PASSADAS: retratos de uma Guapé marcada pela chegada de Furnas**

Monografia apresentada ao curso de Jornalismo do Centro Universitário do Sul de Minas - UNIS/MG, como pré requisito para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, pela Banca Examinadora composta pelos membros.

Aprovado em: 21 de novembro de 2022



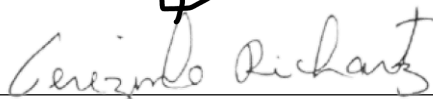
---

Prof. Lucas Rosa Paiva



---

Prof.ª Ma. Gisela Cristina Nishiyama



---

Prof. Dra. Terezinha Richartz

OBS.:

Dedico este trabalho aos meus pais que depositaram toda sua confiança em mim durante esses quatro anos de faculdade. E a todos que colaboraram para que este trabalho pudesse ser concretizado, em especial aos moradores de Guapé que contribuíram com suas memórias e lembranças vividas na época.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me dado coragem e capacidade para conseguir realizar este trabalho. Agradeço aos meus pais, Elenilce de Fátima Ila Martins e Célio Marcos Martins, à minha irmã Paola Cristina Ila Martins, que apoiaram a minha escolha de graduação, passando por todas as dificuldades e conquistas ao meu lado. Sou grata aos meus amigos que deixaram esses quatro anos mais leve, com boas risadas e memórias que sempre vão estar comigo. Aos meus professores que estiveram comigo durante toda esta trajetória, em especial ao meu orientador, Lucas Rosa Paiva, que me incentivou e apoiou durante este estudo. Deixo meu agradecimento aos meus avós maternos Eurides Graciana Ila e Sebastião Delfino Ila, que contribuíram grandemente com a escolha deste tema, pois sempre me contaram suas lembranças e histórias que ouviram do que aconteceu em Guapé. Por fim, agradeço a minha cidade, que enfrentou diversos desafios em sua trajetória, mas segue sendo linda e cheia de particularidades que não encantam só a mim, mas também milhares de pessoas que são atraídas pelas suas belezas naturais e história.

“Prefira afrontar o mundo servindo à sua  
consciência a afrontar sua consciência  
servindo ao mundo.”

Humberto de Campos

## RESUMO

O presente trabalho, objetiva realizar uma análise bibliográfica documental com propósito jornalístico sobre Guapé, município localizado no sul do estado de Minas que tem sua história marcada pela inundação das águas de Furnas na década de 1960. Tal abordagem é necessária visto que, com a criação da hidrelétrica, 34 municípios foram afetados e Guapé foi o principal deles. Ademais a vida de inúmeras pessoas foram afetadas pela inundação e a cidade ficou visivelmente marcada pelo efeito causado pela chegada das águas. O objetivo deste trabalho é entender e contextualizar o antes e o depois da chegada de Furnas na cidade, seus impactos e como a empresa influenciou no que o município se tornou hoje. Para elaboração do artigo foi realizado um estudo bibliográfico abrangendo fatos históricos da cidade e dados de entidades e órgãos governamentais, além de uma pesquisa de campo do tipo analítica, com a realização de entrevistas semiestruturadas qualitativa com moradores de Guapé a respeito das lembranças e fatos históricos da cidade. A pesquisa evidencia que antes da chegada de Furnas, a cidade estava se desenvolvendo em ritmo veloz e, com a inundação, sofreu inúmeras perdas e precisou recomeçar seu crescimento que continuou a passos lentos. Hoje, quase 60 anos após a chegada de Furnas, o município conseguiu se estabilizar e conserva-se com esse registro histórico.

**Palavras-chaves:** Guapé. História. Inundação. Lago de Furnas.

## ***ABSTRACT***

The presente work, aims to accomplish documentary bibliographic analysis with a journalistic purpose about Guapé, a city located in the south region of Minas Gerais that has its history marked by the flooding of the waters of Furnas in the 1960s. Such an approach is necessary because with the creation of the hydroelectric 34 cities were affected and Guapé was the main one. In addition, the lives of countless people were affected by the flood and the city was visibly marked by the effect caused by the arrival of the waters. The objective of this work is to understand and contextualize the before and after the arrival of Furnas, its impacts, and how it influenced what Guapé has become today. For the development of this article, a bibliographic study was carried out covering historical facts of the city and data from governmental agencies, in addition to an analytical field research with qualitative semi-structured interviews with residents of Guapé about their memories of the city. The research shows that before the arrival of Furnas, the city was in a fast-paced developing circle, but after the flood, it suffered numerous losses and had to restart its growth, which happened slower. Now, almost 60 years after the arrival of Furnas, the town managed to stabilize and it is preserved in this historical record.

**Keywords:** Guapé. History. Inundation. Furnas Lake.



**LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

Figura 1 - Mapa de Boa Esperança (1920).....	15
Figura 2 - Praça central e Igreja Matriz de Guapé antigo.....	17
Figura 3 - Construção da Hidrelétrica.....	19
Figura 4 - Fazenda inundada pelas águas de Furnas.....	21
Figura 5 - Fórmula padrão para distribuição do valor aos municípios afetados.....	23
Figura 6 – Torre da antiga igreja e coreto da praça sendo cobertos pelas águas.....	28
Figura 7 - Guapé hoje.....	33

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2 RETRADOS DE UM GUAPÉ MARCADO PELA CHEGADA DE FURNAS.....</b>	<b>13</b>
<b>2.1 Guapé Antigo, antes de Furnas.....</b>	<b>14</b>
<b>2.2 Nasce Furnas.....</b>	<b>17</b>
<b>2.3 Chegam as águas.....</b>	<b>19</b>
<b>2.4 Depois de Furnas e Guapé Hoje.....</b>	<b>21</b>
<b>3 MATERIAIS E MÉTODOS.....</b>	<b>25</b>
<b>4 RESULTADO E DISCUSSÃO.....</b>	<b>27</b>
<b>5 CONCLUSÃO.....</b>	<b>34</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>35</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda a história de uma antiga Guapé que foi afetada pela criação da hidrelétrica de Furnas para sanar a crise energética no governo de Kubitschek na década de 1950. E a nova Guapé que foi reconstruída ao longo dos anos sob as margens da cidade inundada, tendo como propósito evidenciar os principais fatos relacionados a cidade e explicar como a história de Guapé foi alterada com o impacto que Furnas causou durante a inundação.

Quando analisada sob seus aspectos históricos, tal abordagem se justifica visto que a atual Guapé teve os rumos do seu futuro influenciado pela Usina de Furnas, isso porque antes das águas a cidade caminhava em seu desenvolvimento, tendo a agricultura como principal setor de atividades econômicas. Na época não existia fertilizantes e defensivos agrícolas, por isso as terras utilizadas para plantio precisavam ser férteis e boas, como as terras da antiga Guapé eram planas e ficavam próximas ao rio, existia grandes plantações de arroz, trigo, feijão, milho e café, o que favorecia seu crescimento.

Com a inundação tudo que a cidade tinha foi coberto e o local ficou quase 40 anos parado tentando se reconstruir, atrair moradores e movimentar a economia. Hoje o setor de serviços é responsável pela principal atividade econômica da cidade, a Prefeitura Municipal é a maior empresa da cidade, responsável por mais de 900 contratações. A mineração de pedras foi descoberta gerando muitos empregos e o turismo atrai milhares de pessoas e investidores para o município.

Levando estes fatores em consideração, é importante salientar que o presente trabalho busca contribuir para um maior aprofundamento e entendimento dos impactos gerados pela hidrelétrica na cidade que poderia ter caminhado para se tornar uma grande cidade do Sul de Minas. Ao mesmo tempo, com base no estudo, fica perceptível que o Lago de Furnas que agora banha a cidade, proporciona a fomentação do turismo e o extrativismo contribuí com a geração de empregos e investimentos.

A motivação desta pesquisa possui cunho jornalístico e analítico, buscando compreender a história de um local que passou por grandes sacrifícios para enriquecer e contribuir com o desenvolvimento de todo o país, que estava com grandes empresas em construção mas não tinha energia suficiente para mantê-las, por isso a criação de uma hidrelétrica foi muito necessária e contribuiu com toda a população brasileira, mesmo afetando muitas cidades no seu processo de construção.

A pesquisa trará o questionamento de como seria Guapé sem a inundação das águas de Furnas, como ela poderia ter se desenvolvido e prosperado já que tinha muitos fatores a seu favor. Ao mesmo tempo, é evidenciado o quanto hoje Guapé é uma bela cidade, rica em belezas naturais, grandes atrativos turísticos que se explorados ainda mais pode trazer inúmeros benefícios para o município.

No primeiro capítulo deste estudo será abordado o início da história do pequeno arraial que foi distrito e depois se tornou município. Como ele surgiu, cresceu e se desenvolveu durante os anos antes da criação de Furnas. Para esta análise foi utilizado como base principal os dados da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros que possui informações e dados sobre como a cidade era naquela época.

Em seguida, será descrito no tópico “Nasce Furnas” as informações sobre a usina, porque ela foi criada, com qual objetivo e sua dimensão na atualidade. Este tópico é necessário para que seja feita a contextualização da usina para compreensão da ligação da hidrelétrica com a cidade.

No capítulo “Chegam as águas” é descrito a chegada de Furnas no município, as negociações de indenização, desapropriações e a saída dos moradores do local, segundo informações de livros escritos por autores que vivenciaram esse período ou que ouviram histórias de parentes e amigos e relataram em seus livros com riqueza de detalhes.

Já no tópico “Depois de Furnas e Guapé hoje” é retomada a situação do município na atualidade, buscando evidenciar como a economia da cidade é movimentada agora, com o objetivo de fazer uma comparação com a cidade antes das águas, para entendimento dos principais impactos acarretados após a inundação.

Antes de finalizar a análise, no tópico “Resultado e Discussão” é apresentado a parte mais delicada do trabalho, as entrevistas colhidas por meio de uma pesquisa de campo semiestruturada realizada para complementação da pesquisa bibliográfica e documental. Nesta parte podemos compreender as memórias guardadas por tantos anos do que aconteceu na época e detalhes de histórias contadas e lembranças do que uma cidade do interior sul-mineiro vivenciou para o crescimento de todo o país.

Para entendimento deste estudo é de extrema importância salientar o papel do jornalismo que vai muito além do que apenas informar. A função desenvolvida por verdadeiros profissionais da área é composta por grandes responsabilidades e tem como objetivo dar voz ao povo e lutar pelos direitos da população. Ser jornalista é contar histórias, mostrar a verdadeira realidade da sociedade, estar atento na atualidade e no factual, mas também valorizar a história, e acima de tudo ser ético e responsável. Neste estudo, foi

colocado em prática o trabalho jornalístico, que investiga, apura, estuda e relata fatos e é através da veiculação de dados históricos que a geração atual e futura vão criar uma percepção do passado, que é nossa herança. O jornalismo no contexto histórico trata a evolução do pensamento e aborda assuntos da história com um outro olhar e percepção sobre os fatos da época.

Vale ressaltar que este estudo trará grandes contribuições para o município e para os guapeenses, pois irá evidenciar com detalhes as informações e dados colhidos, além de relatos de pessoas que estavam presentes em muitos acontecimentos comprovando os impactos que Furnas deixou na cidade que são percebidos até hoje pela população.

## 2. RETRATOS DE UM GUAPÉ MARCADO PELA CHEGADA DE FURNAS

Observando a atual Guapé, composta por pouco mais de 14 mil habitantes e 22 distritos espalhados ao longo de seu território, é encontrado uma região bonita, próspera, progredindo em seu desenvolvimento. Além do lago que banha a cidade, paisagens, trilhas naturais, cachoeiras e a comida compõem o repertório de atrações locais. No entanto, a cidade é conhecida pelo seu passado histórico, hoje cultural, rodeada de lembranças físicas que ainda estão presentes na cidade nova, mas a antiga ainda marca sua presença com resquícios deixados após a inundação.

Para tal estudo, foi feita uma pesquisa bibliográfica e documental, que usou como base a Enciclopédia dos Municípios Brasileiros publicada em 1959, planejada e orientada por Jurandyr Pires Ferreira, presidente do IBGE na época. Para complementar, buscou-se livros da época, como Guapé Reminiscências escrito pelo próprio Passos Maia em 1933 e publicado em edição Fac-símile<sup>1</sup>. A revista Guapé: Ontem e hoje, publicada em 1980, idealizada por Esmeralda Ávila Peres e Leila Oliveira Maia. O livro Guapé e outras histórias (2019), escrito por Walquires Tibúrcio que também possui raízes ligadas ao município e o livro José Dalton de Guapé-MG e seus causos, escrito pelo morador da cidade que vivenciou a chegada das águas e vive na região até hoje, além de outras obras bibliográficas correlatas.

No decorrer do trabalho será apresentada a história de Guapé, quando foi fundada e anos depois emancipada por uma figura de extrema importância em seu contexto histórico, Dr. Domiciano Augusto dos Passos Maia, conhecido como Passos Maia, que nasceu em terras guapeenses e ocupou cargos políticos na velha república, um deles como Senador do Estado de Minas Gerais, além de ter se tornado o primeiro prefeito de Guapé. Será abordado também a criação da Usina Hidrelétrica de Furnas, a chegada das águas no município e como a cidade ficou após a inundação até chegar aos dias de hoje.

Considerando os pontos citados acima, o presente trabalho pretende relatar de maneira cronológica através de uma pesquisa analítica, uma Guapé antes de Furnas até chegar na situação da cidade na atualidade, tendo como base os documentos e obras bibliográficas utilizados que asseguram este estudo e a pesquisa de campo realizada com moradores da cidade que complementam a pesquisa e comprovam a situação vivenciada na época, ao longo dos anos, até os dias atuais.

---

<sup>1</sup> Fac-símile: reprodução, por meios fotomecânicos, de um texto ou de uma imagem.

## 2.1 Guapé antigo, antes de Furnas

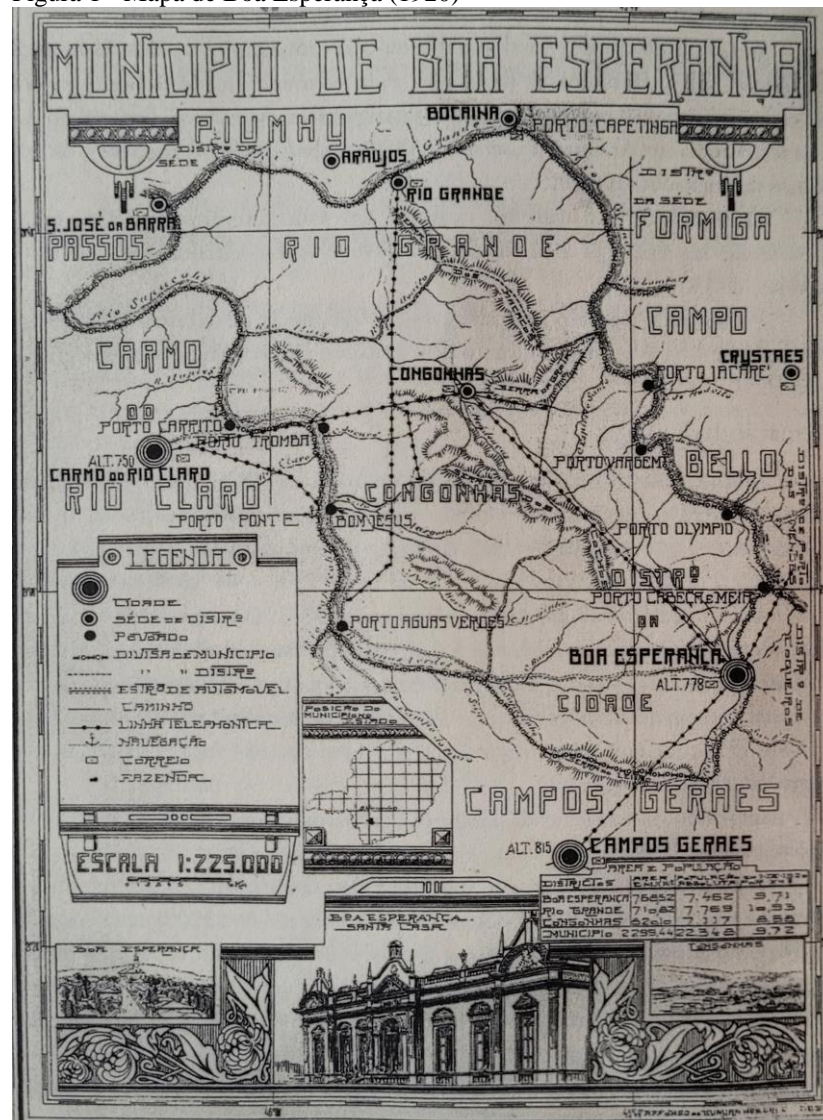
A história de Guapé é retratada com mais propriedade a partir de sua emancipação política, no entanto, os documentos contam sua história desde muitos anos atrás. Com base nas informações da Enciclopédia dos Municípios Brasileiros (IBGE, 1959), próximo as terras onde antes era Guapé antigo passava uma nascente do Rio São Francisco e um outro pedaço do rio que descia o Paraíba até a foz. Esses pedaços do rio não possuíam habitantes que cuidavam das terras, então uma luta foi travada entre índios para estabelecer morada nas terras próximas a esses trechos do rio. Os vencedores tinham o nome de Catoé-aná e mais tarde Cataguá, que significa “gente boa”. Esses índios Cataguazes foram por muito tempo donos da região, até a chegada dos Bandeirantes que começaram a tomar posse das terras, dominar os indígenas e construir suas fazendas.

Anos depois, um arraial foi criado através de uma promessa, como é relatado na Enciclopédia dos Municípios Brasileiros, Esméria Angélica da Pureza e seu marido Sr. Capitão José Bernardes Lara, com ajuda também de Felisberto Martins Arruda e Cândida Soares do Rosário, doaram terras a São Francisco de Assis para a construção de uma capela ao santo, no ano de 1838 foi lavrada a escritura (IBGE, 1959). No entanto, em seu livro Guapé Reminiscências, Passos Maia relata o fato com detalhes.

Um dia, sua mulher – Esmeria Angelica da Pureza – tecia n’um tear, perto de uma escrava que mexia um tacho de sabão. N’esse tempo só comprava sal, a mais era feito em casa, até os botões de camisa. Subito, terra começou a tremer, e o tacho veio abaixo. Aterrada com esse phenomeno, prometeu a S. Francisco de Assis um patrimônio para sua capella, que se erguia no local da actual Matriz. Cessou o movimento tellurico, deixando apenas umas fendas, que as enxurradas alargaram, no morro da estrada do Pontal, fronteiro á cidade, as quaes ainda se podem vêr. Passou-se esse phenomeno em 1832. Só em 1839 é que o capitão José Bernardes e sua mulher puderam lavrar a escriptura da doação do patrimônio dessa capella. (MAIA, 1933, p. 270)

Alguns anos depois, em 1856, o pequeno arraial foi elevado a distrito com o nome de São Francisco do Rio Grande e em 1920 esse distrito pertencia à cidade de Dores da Boa Esperança, hoje conhecida somente como Boa Esperança (IBGE, 1959). Um mapa do Município de Boa Esperança, datado de 1920 e elaborado pelo cartógrafo Affonso Guayra Heberle, mostra que a população absoluta da sede era de 7.462 habitantes. Número menor do que a população da sede do distrito de São Francisco do Rio Grande, que possuía 7.769 habitantes. (TIBÚRCIO, 2019).

Figura 1 - Mapa de Boa Esperança (1920)



Fonte: Livro Guapé e outras histórias – Walquires Tibúrcio (2019).

Nesse mesmo ano, 1920, Passos Maia era vereador em Dores da Boa Esperança e conseguiu a emancipação política para São Francisco do Rio Grande em 7 de setembro de 1923. O distrito foi elevado a município com um novo nome: Guapé, escolha que carrega um grande significado.

“O nome Guapé originou-se de uma planta da região chamada *guay* e que viceja nos lagos formando, em conjunto, verdadeiros caminhos sobre a água. *Guaypé* significava “caminho n’água”, que, por corruptela, passou a *aguapé* e, posteriormente, *guapé*.” (IBGE, 1959)

A cidade também recebeu um lema que foi escrito em sua bandeira e é carregado até hoje, *Fluctuat Ne Mergitur*, que traduzido do latim significa “Flutuarás, não afundarás”. Lema baseado na lenda onde dizia que dos índios Cataguazes andavam sob as águas pois caminhavam em sob a planta *aguapé*. (TIBÚRCIO, 2019).



Com a emancipação, Dr. Passos Maia assumiu a cidade e se tornou o primeiro Prefeito de Guapé que possuía três distritos, Guapé (ex-São Francisco do Rio Grande), Araúna e Capitólio. Quase cinco meses depois, no dia 3 de fevereiro de 1924 houve a instalação e posse da cidade, data que é celebrada o aniversário da cidade até hoje. E cerca de 19 anos depois de sua emancipação política, em 1943, Capitólio deixou de ser um distrito de Guapé e passou a fazer parte do município de Piumhi. (IBGE, 1959).

Passos Maia ficou à frente da cidade por 10 anos, de 1924 a 1934, durante essa década realizou grandes feitos para o município. Trouxe a Ponte Melo Viana que atravessava parte do rio Grande fazendo caminho para Passos e para a Capital que na época era o Rio de Janeiro. A Ponte Melo Viana foi na época a segunda ponte, em extensão, da América do Sul. (PERES, MAIA, 1980).

Além disso, foi responsável pela construção da praça central, prefeitura, entre outros, e trouxe a energia elétrica com a construção da própria usina em um paredão que existia na cidade. Doutor Domiciano Augusto dos Passos Maia morreu no ano de 1951, cerca de 7 anos antes de Furnas ser oficialmente criada e quase 12 anos antes das comportas serem fechadas. (TIBÚRCIO, 2019).

Durante esses bons anos de história, principalmente a partir de sua emancipação, a cidade viveu seus melhores momentos econômicos e sociais. O local tinha área de 927 km<sup>2</sup> e segundo dados do recenseamento feito pelo IBGE em 1950, o município possuía 12.835 habitantes, sendo 1.998 habitantes na cidade, 294 no distrito de Araúna e 10.543 espalhados pela zona rural. Ainda segundo esses dados, o principal ramo de atividade econômica na cidade era a agricultura e pecuária que ocupavam 38,03% da população econômica ativa naquele período. O café ficava em primeiro lugar na produção agrícola, com 52,40% do valor total. Em seguida tínhamos o arroz com casca (15,87%), milho (14,67%), feijão (7,38%), mandioca (4,50%) e outros (5,18%). (BRASIL, 1959).

Além das construções feitas pelo primeiro prefeito, dados da Enciclopédia apontam que a cidade tinha um correio, fórum, dois bancos, sendo um deles o Banco Mercantil, cinema, 68 estabelecimentos comerciais, uma pensão, dois hotéis, bares, lojas de tecido, alfaiate e um hospital com 29 leitos. Até o ano de 1956, Guapé tinha 32 unidades escolares, 48 professores e 50% de alunos matriculados, em relação a população em idade escolar. (IBGE, 1959).

A capela, primeira construção da cidade feita para cumprir uma promessa, se tornou Paróquia, passou por reformas ao longo dos anos e se tornou uma das principais obras do Guapé Antigo. (TIBÚRCIO, 2019).

A cidade estava em grande desenvolvimento para época, no entanto, devido à crise energética que o país enfrentava o desenvolvimento local parou para contribuir com o crescimento de todo o país.

Figura 2 - Praça central e Igreja Matriz de Guapé antigo



Fonte: Facebook – Guapé: memórias em fotos e fatos (2019).

## 2.2 Nasce Furnas

A Central Elétrica de Furnas foi criada no dia 28 de fevereiro de 1957 e autorizada a funcionar no mesmo dia por meio de um decreto assinado pelo então presidente da época, Juscelino Kubitschek de Oliveira. A sua criação foi necessária para sanar a crise energética que ameaçava o país em meados da década de 1950, para evitar um grande colapso no sistema energético brasileiro, evitando o racionamento e o corte no fornecimento de energia elétrica no Brasil. Tendo também como objetivo melhorar a qualidade de vida dos brasileiros e contribuir para o desenvolvimento econômico do país. (FURNAS, [2006?]).

As hidrelétricas são obras advindas da territorialização de políticas estatais, privadas e transnacionais que buscam a formação de grandes reservatórios hídricos sem considerar a ocupação atual do local. Como cita Scherer-Warren (1996): “A construção destas grandes obras implica uma considerável ocupação territorial, que podem ser espaços desocupados, como em já habitados.” Scherer salienta ainda que esse tipo de assunto não era discutido, somente a partir do final da década de 1990 que foi começado a investigar e pesquisar as causas e consequências sociais destes projetos que impactam de forma direta a população que acabam sendo removidas de suas terras e moradias. (SCHERERWARREN, 1996).

Quando o ex-governador de Minas, Kubitschek, assumiu o governo do Brasil em 1956, precisava cumprir a proposta de governo que ficou muito conhecida pelo seu slogan “50 anos em cinco”. O governo de Juscelino também é lembrado historicamente pelo seu plano de metas que estabelecia 31 objetivos a serem alcançados, priorizando setores voltados para a energia, transporte, alimentação, indústria, educação e a construção de Brasília. Para cumprir a promessa surgiu então a Usina Hidrelétrica de Furnas, com o objetivo de suprir a energia elétrica do país que estava em crise.

O projeto foi concluído em 1958 e o processo de construção foi iniciado logo em seguida, nesse período a usina teve uma sede em Passos, cidade próxima a obra mais desenvolvida no ano, mas contava com o escritório central no Rio de Janeiro. Posteriormente, em 1960, foi feita a unidade de transmissão Peixoto-Furnas-Belo Horizonte e começou a instalação da segunda unidade sendo Furnas-São Paulo. Três anos depois, em 1963, houve o primeiro acionamento das unidades geradoras de energia e o fechamento das comportas, onde 34 municípios seriam afetados e entre eles estava Guapé que seria o mais prejudicado.

Até julho de 1965 foram colocadas em operação outras cinco unidades geradoras além da primeira que inundou Guapé. A ligação Furnas-Rio de Janeiro foi estabelecida em 1968 e até início da década de 1970 já havia sido iniciado a ampliação para instalação de outras duas unidades, totalizando 1.216 MW, tornando a hidrelétrica uma das maiores da América Latina. (FURNAS, [2006?]).

A Hidrelétrica foi construída no trecho médio do Rio Grande, denominado “Corredeiras das Furnas” entre os municípios de São José da Barra e São João Batista do Glória, ficando a 355 km de Belo Horizonte, 580 km do Rio de Janeiro e 492 km de São Paulo. Em seu nível máximo o reservatório ocupa uma área de 1.400 km<sup>2</sup>, sendo um perímetro de 3.500 km e desde sua criação foi estabelecido a cota máxima de 769 metros. (FURNAS, [2006?]).

A usina fez toda a diferença no desenvolvimento do país, que progrediu grandemente com a energia elétrica sendo um marco na instalação de hidrelétricas no Brasil. Possibilitou também a regularização do Rio Grande e a construção de mais oito usinas. Mas, para a população local de uma cidade do interior do Sul de Minas, ainda muito leiga para a época, a chegada de Furnas marcou anos de luta, medo, insegurança e tristeza.

Figura 3 - Construção da Hidrelétrica



Fonte: Memória da Eletricidade (1959).

### 2.3 Chegam as águas

Os funcionários de Furnas chegaram em Guapé por volta de 1957 e começaram a avaliação do local e demarcação da área que seria inundada com estacas ao longo da cidade. Nesse mesmo período os funcionários e engenheiros de Furnas também começaram uma negociação com os proprietários das terras que seriam perdidas. Em 1959, o presidente de Furnas da época John Cotrin, e o engenheiro responsável pela compra ou desapropriação das terras Carlos Faveret, se reuniram com as lideranças políticas de Guapé para discutirem como resolver da melhor maneira possível o que estava para acontecer. (BARBOSA, 2022).

A reunião foi na casa do padre João, onde estiveram presente os dois representantes de Furnas, o prefeito João Teixeira de Faria, o presidente da câmara Dr. José Sebastião de Oliveira, o padre João e o todo poderoso presidente da UDN Dr. Antônio Fonseca. (BARBOSA, 2022, p. 139)

Furnas tentou uma negociação com os representantes, saber as reivindicações que eles gostariam de receber, já que dos 34 municípios inundados, Guapé seria o mais afetado. O Padre pediu que construíssem as capelas rurais, a sede Mariana, que funcionava como um escritório paroquial, e também a principal paróquia da cidade, a Igreja Matriz. (BARBOSA, 2022)

No entanto, o prefeito e os demais políticos não negociaram nada prejudicando o município, assim relata Walquires Tibúrcio em seu livro (2019).

Era corrente ouvir da maioria de supostos líderes, à boca cheia, como se estivessem anunciando um dogma: 'de Furnas não queremos nada'. Ignoravam eles que, com tamanha idiotice, estavam prejudicando o município e fazendo exatamente o jogo de Furnas. Quanto menos exigissem dela, mais caro lhe sairia. (TIBÚRCIO, 2019, p.50)

Como a construção da hidrelétrica era uma realidade, as obras da nova cidade começaram a ser realizadas nos terrenos que ficavam acima do limite de onde as águas atingiriam. Furnas construiu os prédios públicos, igrejas, praça, serviços de água e esgoto e casas que os moradores iriam comprar com a indenização que receberiam da própria empresa. Essas casas eram todas iguais, feitas com blocos de concreto, sem reboque e com materiais de pouca qualidade, ficando com um acabamento ruim, quase todos os prédios construídos pela empresa precisaram ser refeitos mais de uma vez por conta do material usado. (TIBÚRCIO, 2019).

No Fórum da comarca de Guapé, foram encontrados 59 processos arquivados ligados a desapropriações para a construção da hidrelétrica. Foram feitas cerca de 8.000 desapropriações de pequenas casas a grandes fazendas, o dano foi maior na zona rural onde mais de 6 mil propriedades passaram a pertencer ao governo. (LEMONS JÚNIOR, 2011). Aproximadamente 35 mil proprietários sofreram danos em toda a região, o valor de indenização não correspondia nem um décimo do valor real da terra. Cerca de 400 famílias que viviam na área foram deslocadas para a nova cidade. (BARBOSA, 2022).

No dia 09 de janeiro de 1963, as comportas de Furnas foram fechadas, a região estava marcada pelas fortes chuvas fazendo com que os rios Grande e Sapucaí, estivessem com o volume máximo de águas. Na manhã do dia seguinte as águas já estavam sob a ponte Melo Viana, que desde essa data nunca mais pode ser usada, e conforme as horas foram passando mais terras eram cobertas. Foram inundadas terras de 34 municípios, só em Guapé foram 206 quilômetros quadrados, quase um terço de sua área. (TIBÚRCIO, 2019).

Grande parte da população de Guapé, não tendo para onde se mudar, foi agasalhada nos grupos escolares, cinema e clube, pois as casas que estavam sendo feitas por Furnas não estavam ainda prontas. A mudança para a cidade nova foi uma verdadeira operação de guerra com caminhões transportando mudanças, tratores imensos derrubando casas da área de inundação, helicópteros salvando pessoas ilhadas. Um deus nos acuda. (TIBÚRCIO, 2019, p. 51)

A cidade foi inundada em duas etapas. Na primeira as águas cobriram toda a parte baixa, indo até as imediações da igreja. Com o término das construções da nova cidade, desativado o canteiro de obras e com os técnicos, engenheiros e operários indo embora, as comportas foram novamente fechadas e as águas terminaram de cobrir Guapé. A cidade

entrou em uma tristeza profunda, levando anos e anos para voltar a crescer. (TIBÚRCIO, 2019).

Durante o período da chegada da hidrelétrica e inundação da cidade, os moradores enfrentaram muitos desafios. Porém, as dificuldades passaram a ficar cada vez maiores depois que tudo ficou alagado.

Figura 4 - Fazenda inundada pelas águas de Furnas



Fonte: Facebook – Guapé: memórias em fotos e fatos (2019).

## 2.4 Depois de Furnas e Guapé hoje

Como citado anteriormente, após a invasão das águas a cidade levou anos para se recuperar, hoje sua história é contada como superação já que ser banhada pelo lago proporcionou a utilização do turismo a seu favor, mas na época foram tempos escuros, de sofrimento. Grande parte da população buscou outros lugares para morar e os que sobraram estavam pobres e desanimados. (TIBÚRCIO, 2019). Está registrado no Censo Demográfico realizado pelo IBGE em 1970 (p. 171), aproximadamente 7 anos após a invasão das águas, Guapé tinha apenas 9.768 habitantes, ou seja, perdeu mais de 3 mil habitantes. (IBGE, 1971).

Guapé era uma das muitas cidades sacrificadas em prol do desenvolvimento nacional. Desde esse dia entrou em decadência. Sua economia caiu. Seus habitantes desorientados procuravam um meio de entrosar em algum lugar. Aí veio o êxodo. Quantas de nossas famílias guapeenses desalojadas de suas terras, de suas casas foram procurar moradas em lugares distantes. Quantos ficaram doentes sabendo que suas propriedades estavam debaixo das águas! Guapé entrou em crise econômica, social, cultural e política. Assim viveu muitos anos. (PERES, MAIA, 1980, p. 13).

Sua história começou de novo às margens do próprio lago que banha a nova Guapé com resquícios deixados pela antiga cidade, aos poucos o município foi sendo reconstruído

trazendo respiro aos moradores. Atualmente a população estimada da cidade é de 14.269 habitantes segundo a estimativa do IBGE (2021), sua área territorial é de 934,345km<sup>2</sup> e segundo a prefeitura municipal a cidade possui 22 distritos espalhados em seu território.

Dados apontados pelo IBGE e pela Fundação João Pinheiro, mostram que o PIB de Guapé é de R\$ 240.025,23. Suas principais atividades econômicas são divididas em serviços<sup>2</sup> (36,2%), agropecuária (29,8%), administração pública (29,3%), e a indústria (4,8%). (IBGE, FJP, [2019?])

Na área de serviços é presente o extrativismo de pedras de quartzito, conhecida como pedra São Tomé. Depois de Furnas como a parte da terra boa foi inundada e muitas plantações perdidas, a cidade nova foi sendo construída nas terras altas e a extração de pedras começou a ser explorada. No município existe uma mineradora que funciona desde 1974, o empreendimento faz contrato com empresas terceirizadas especialistas na extração da pedra, que pagam royalties à mineradora e fazem a extração do quartzito na pedreira. Segundo o proprietário Walter Brasil<sup>3</sup>, hoje a mineradora emprega 200 pessoas diretamente e através dos contratos com as empresas terceirizadas, que são 34 atualmente, cerca de 400 pessoas são empregadas indiretamente, incluindo serviço de transporte, pedreira, nas fábricas e lojas da cidade.

Com base no relatório de análise do turismo realizado pela Secretaria Municipal do Turismo de Guapé em 2021, os segmentos turísticos que apresentam maior representatividade são o ecoturismo, turismo náutico, de aventura e também de pesca, que segundo o Ministério do Turismo recebe tais denominações: Turismo de Aventura: Atividades turísticas decorrentes da prática de atividades de aventura de caráter não competitivo; Turismo Náutico: Caracteriza-se pela utilização de embarcações náuticas com a finalidade da movimentação turística; Turismo de Pesca: Compreende as atividades turísticas decorrentes da prática da pesca amadora.

Outra modalidade presente na cidade, citada no relatório da secretaria, é o Turismo de Segunda Residência que se caracteriza por turistas que adquirem uma segunda moradia para lazer, diversão e descanso nos arredores das grandes metrópoles, praias e regiões serranas. (GUAPÉ, 2021).

---

<sup>2</sup> O setor de serviços é caracterizado por atividades heterogêneas quanto ao porte de empresas à remuneração média e à intensidade no uso de tecnologias. Nas últimas décadas, a atuação das atividades que fazem parte do setor vem se destacando pelo dinamismo e pela crescente participação na produção econômica brasileira. (IBGE, [2014?]).

<sup>3</sup> Dado obtido através de informação verbal no dia 21 de setembro de 2022.

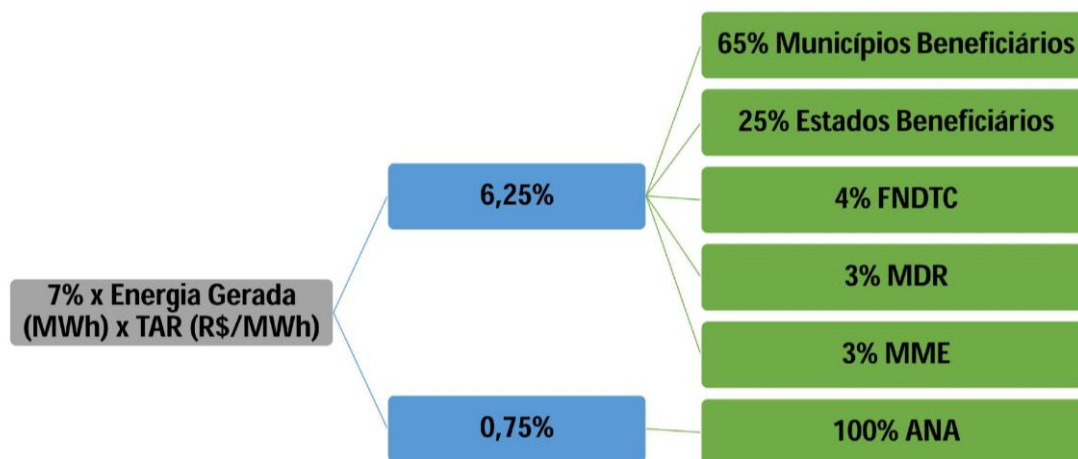
Dados do Painel BI RAIS 2020, do Observatório de Turismo de Minas Gerais, apontam que a renda média nominal formal do turismo em Guapé foi de R\$ 118.996,80 em 2020, contando com 40 estabelecimentos voltados para o turismo e 98 empregados neste setor.

Após a inundação causada por Furnas, as cidades afetadas passaram a receber uma compensação financeira que é paga pelas usinas hídricas. A obrigação do pagamento está prevista na Constituição da República Federativa do Brasil de 1988 e em 1989 foi criada a lei<sup>4</sup> que corresponde à indenização a ser paga pela exploração de recursos hídricos para geração de energia elétrica. (ANEEL, 2022). De acordo com o Art. 3:

O aproveitamento de recursos hídricos, para fins de geração de energia elétrica e dos recursos minerais, por quaisquer dos regimes previstos em lei, ensejará compensação financeira aos Estados, Distrito Federal e Municípios, a ser calculada, distribuída e aplicada na forma estabelecida nesta Lei. (BRASIL, 1989, s. p.).

Todos os meses, as concessionárias destinam à ANEEL 7% do valor da energia produzida a título de Compensação Financeira. O total a ser pago é calculado segundo uma fórmula padrão e a Tarifa Atualizada de Referência (TAR) é definida pela Agência Nacional de Energia Elétrica seguindo um decreto presidencial.

Figura 5 - Fórmula padrão para distribuição do valor aos municípios afetados



Fonte: ANEEL – Compensação Financeira pela Utilização de Recursos Hídricos (2021).

As cidades recebem um valor mensal para uso na região, ficando proibido apenas para pagamento de dívida e no quadro permanente de pessoal. (ANEEL, 2021). A lei foi regulamentada em 1991, por esse motivo, a distribuição de valores de Compensação Financeira aos municípios iniciou em janeiro de 1991, incluindo Guapé. (ANEEL, 2022).

<sup>4</sup> Lei nº 7.990, de 28 de dezembro de 1989. Compensação Financeira pela Utilização de Recursos Hídricos.



A saúde mental dos moradores que viviam em Guapé também foi prejudicada, o presidente da Câmara dos Vereadores e advogado dos desapropriados na época relatou aos repórteres da revista O Cruzeiro, o nome das pessoas que enlouqueceram, sendo João Dutra Garcia Sobrinho, pai de 9 crianças, fazendeiro, tinha 65 anos; Lúcia Landaris Faria e sua filha Maria Aparecida que eram proprietárias de terras que foram perdidas e um homem chamado José Lopes que tentou o suicídio. Exceto José Lopes, os outros foram internados em hospital de Ribeirão Preto. (FRANCO, 1963, p. 97).

### 3. MATERIAIS E MÉTODOS

Para estruturação deste artigo foi realizada uma pesquisa documental, que tem como finalidade o uso de documentos oficiais. Tais quais foram citados leis, ofícios e fontes estatísticas. Este tipo de metodologia é bastante utilizado para coleta de dados qualitativos.

Assemelhando-se a pesquisa bibliográfica, também presente no estudo, tem como base a análise de materiais já publicados com a intenção de colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi publicado sobre determinado assunto (MARCONI; LAKATOS, 2001). Essa pesquisa foi utilizada na elaboração do artigo com o propósito de aprofundar a fundamentação teórica a partir da observação precisa, pautada em livros, documentos, textos, mapas, fotos e material online.

A pesquisa analítica é o tipo de pesquisa quantitativa, utilizada no trabalho com o propósito da realização de uma análise mais aprofundada das informações coletadas para o estudo, nesse caso experimental, com o intuito de explicar e contextualizar essas informações. Essa análise aborda a descrição, definição do assunto e classificação, considerando a estrutura e o objetivo do tema. (MARCONI; LAKATOS, 2001)

Após ser relatado todo o processo que Guapé viveu até hoje, com o intuito de enriquecer as pesquisas citadas, uma pesquisa de campo foi realizada com moradores importantes da cidade afim de colher relatos por meio de uma entrevista semiestruturada. A pesquisa de campo é usada para conseguir informações e conhecimento acerca de um tema, contribuindo para análise de um problema em que se busca respostas e justificativas. Por meio dela é realizada a coleta de dados durante a observação de fatos e acontecimentos ocorridos. Foi utilizada a pesquisa exploratória que consiste na formulação de questões ou de um problema para desenvolver hipóteses, gerar intimidade com o tema e entender conceitos. (MARCONI; LAKATOS, 2001)

A identidade dos entrevistados serão preservadas, bem como a análise será ética e imparcial. Portanto, os entrevistados receberam as seguintes denominações.

E1: Colaborador que pesquisa sobre a história de Guapé, possui cargo na administração pública e contribuiu com todos os fatos históricos que já ouviu sobre a cidade;

E2: Morador que viveu a época da inundação e já teve um cargo político importante na administração pública da cidade;

E3: Colaboradora que conheceu nomes importantes de Guapé e tem grandes materiais da época;

E4: Homem que morava em Guapé quando as águas chegaram e trabalhava em grandes fazendas na década de 1960;

E5: Colaboradora que vivenciou a chegada das águas e trabalhou em fazendas durante o período de inundação;

E6: Colaborador que faz parte de uma associação voltada para o turismo de Guapé que contribuiu com sua opinião sobre a cidade turística.

#### 4. RESULTADO E DISCUSSÃO

Após a realização da pesquisa bibliográfica e documental foi possível concluir que a cidade sofreu impactos negativos e positivos. A antiga Guapé era uma cidade que para a época, estava em crescente desenvolvimento. Com a influência de Passos Maia a cidade progrediu, saindo de um pequeno distrito para uma cidade com mais de 12 mil habitantes, carregada de belezas e características próprias.

E3: Muita gente fala "Guapé é Guapé porque Passos Maia quem fez". Se não fosse Passos Maia Guapé não existia, ele era muito inteligente, era formado, morou na Europa, então sabia como ajudar a cidade.

E1: Passos Maia foi um guapeense que ele fez tudo o que podia fazer para que Guapé fosse o que é hoje e fosse o que era antigamente na cidade velha.

Ao longo de seu governo, Doutor Passos Maia fez com que Guapé se tornasse uma cidade conhecida. Por este motivo seu nome é lembrado e homenageado na cidade até hoje.

E1: Ele conseguiu trazer muita, mais muita coisa pra cidade antiga. A ponte do Rio Grande, Melo Viana, fez a cidade velha de Guapé uma cidade rota. Então quem ia pra Passos por exemplo passava dentro de Guapé, até mesmo quem ia pra capital costumava passar dentro da cidade. Fez a prefeitura, ele conseguiu também a cadeia e fórum pra cidade e fez a primeira praça da cidade. E ele fez algo muito importante também, que foi a compra da usina do paredão sabe, porque aqui antigamente tinha energia elétrica, é uma coisa bem interessante que Guapé antigo já possuía energia, só que essa energia ela vinha da usina lá do paredão a qual Passos Maia conseguiu trazer pra Guapé. Então Guapé era uma cidade, a gente pode-se dizer, muito evoluída pra aquela época, sabe?

E3: Se não fosse Passos Maia Guapé não existia. O município era muito grande porque ele foi caminhando com a cidade. Ele era a pessoa mais inteligente daqui, era uma pessoa formada, estudada e conhecia muita gente influente.

Com a inundação o desenvolvimento e crescimento de Guapé ficou parado muitos anos, a cidade perdeu habitantes e mau os recuperou depois, o que impactou diretamente no seu crescimento. O medo espantou muitos deles e a falta de investimento e progresso não trouxe nenhum de volta. Para uma cidade crescer e se desenvolver é preciso moradores para movimentar o local, socialmente e economicamente.

E1: As pessoas que tinha mais conhecimento de fazer lucro e fazer render pegava a indenização de Furnas em 57 e tentava fazer esse dinheiro render pra quando chegasse as águas eles terem como sobreviver. Então as vezes a pessoa pegava esse dinheiro e comprava imóveis mais pra cima, comprava vaca pra procriar e iam usando esse dinheiro ao longo do tempo.

E2: O papai na época tinha oito escritura, tudo pequena mas tinha, tinha duas ilhas grandes no Rio Sapucaí também mas aquilo tampou no primeiro dia.

Figura 6 - Torre da antiga igreja e coreto da praça sendo cobertos pelas águas



Fonte: Facebook – Guapé: memórias em fotos e fatos (2019).

Segundo o Censo Demográfico do IBGE, Guapé antes de Furnas tinha 12.835 habitantes, depois de Furnas em 1971, a cidade tinha apenas 9.768, já no ano de 2000, 37 anos depois da inundação, a cidade estava com 13.622. É possível observar que nos quase 40 anos após as águas chegarem, a cidade recuperou o número de habitantes antes de Furnas, mas teve um acréscimo baixíssimo de apenas 787 habitantes. Na estimativa de 2021, Guapé apresenta 14.261 moradores, crescendo em 21 anos, apenas 639 habitantes.

Após Furnas poucos investimentos surgiram e o foco da administração ficou por anos na recuperação e não no crescimento. Comparando com a antiga Guapé, não foram construídas outras pontes para substituir as que haviam sido submersas, demorou quase 30 anos para ser instalado um novo hospital e até hoje a cidade não tem cinema.

Ademais, houve uma grande quebra nas produções agrárias, como na época não tinham adubo, a maioria dos cultivos eram feitos em terras planas e férteis que dispensavam o uso dos fertilizantes. Com a inundação quase todas as regiões foram encobertas e o que sobrou foi o cerrado.

E2: E tudo a agricultura, igual o papai foi um dos trabalhadores que mais produziu lá nos Penas, principalmente arroz naquela época, né? Mas era tudo manual, tração animal, não tinha trator. Mas mesmo assim produzia muito, porque as terras muito férteis na época não tinha o adubo ainda, nem calcário, nada. Agricultura era rudimentar mesmo. Orgânico.

E1: E aqui essas terras desde o princípio eram assim muito valorizadas pelas pessoas de fora, por que aqui era muito bonito, tinha água em abundância, serra. E a agricultura aqui era muito forte.

E2: Quando fechou em 63, tomou as terras boas que plantavam, ficou a parte do cerrado tudo pra cima, tudo em culto e sem adubo, sem calcário que não tinha na época. Passaram a produzir mandioca, era muito pouca coisa porque não dava, milho por exemplo é de terra boa e “num” tinha, então foi muito sofrido. No Guapé o que entrou principal depois foi a exploração de pedras, o café ainda “tava” bem incipiente, a “lavoraiada”<sup>5</sup> de café deve ter chegado aqui em 72, por aí.

Outro impacto foi na saúde mental da população, desde o surgimento de Furnas a vida das pessoas que moravam em Guapé começou a mudar, alguns acreditavam na história das águas mas a maioria da população era leiga e não imaginava que isso poderia realmente acontecer.

E1: Certa vez Furnas fincou um mastro na praça da cidade antiga, Raul Soares, com um marco de altitude lá em cima, um negócio escrito que as águas iam chegar até lá, era uma forma de intimidar o povo pra eles acreditarem.

E4: Quando essa história de Furnas apareceu, os fazendeiros comentavam né, como que eles vão fechar esse rio com esse tanto de água lá e vai prejudicar “nois” aqui?! E será que eles vai pagar o que “nois” precisa receber? De repente veio os medidor né marcar, trouxe um mapa e falou assim: "Olha daqui a água vai vir até essa altura seis tem que tirar as coisas de onde a água vai pegar, vê se muda pra cima ou se vende “nois” vamo indenizar por preço tal". Ai povo brigava que a indenização era pouca e não dava pra comprar em outro lugar e ficaram revoltados com essa história.

E2: Mais quando vieram os topógrafos já medindo onde é que seria, até onde a represa ia, “nois” pensava não chega nesse lugar porque eles colocava as estaca lá, tinha as estaca 769, que era a cota máxima, porque hoje a represa atingiu uma cota 768, tem um metro ainda deles de faixa de segurança. E quando fechou as águas em 9 de janeiro de 1963, então foi um Deus nos acuda que ninguém sabia aonde ia, porque se falava "vai fechar...vai fechar" mais ninguém acreditava.

Após a chegada dos engenheiros e funcionários de Furnas para a realização das obras da cidade nova, a apreensão dos moradores foi aumentando já que as terras demarcadas precisariam ser desocupadas e as negociações de indenização não eram justas, o que também foi afetando os moradores que precisaram largar grandes casarões e se mudar para pequenas casinhas construídas por Furnas, foram tempos difíceis.

E2: O caso é que o valor das terras eles basearam no valor venal que é colocado na prefeitura. Por exemplo, hoje você pode ter uma propriedade que vale um milhão lá na prefeitura ela pode estar valendo quinhentos reais. Então a maioria né que perdeu das terras não dava pra comprar nem uma casinha na cidade.

E1: Furnas também infelizmente destratou muito o povo guapeense que sofreu demais da conta e até hoje tem gente que apela por conta desse sofrimento. Porque Furnas, muitos engenheiros, aproveitavam da inocência de alguns guapeenses, como muita gente não sabia negociar então, por terras, Furnas pegava e oferecia o que eles queriam. E ou se pegava o que eles estavam oferecendo ou se ficava sem nada e além de perder o que você tinha na cidade antiga se ainda ficava sem nada. Por

---

<sup>5</sup> A linguagem utilizada para descrição das entrevistas foi mantida no formato original falada pelos entrevistados, não sendo feita a adequação da norma culta para valorizar o relato pessoal de cada um.

exemplo, o que aconteceu com meu bisavô, que conta minha avó, o que Furnas pagou pra ele deu pra ele comprar duas vacas, com a indenização de Furnas das terras e das casas que foi inundada.

No entanto, a situação piorou quando as comportas foram fechadas, a tristeza pairou sobre a vida da população guapeense.

E1: Alguns guapeenses não quiseram comprar as casinhas de Furnas, então o que eles faziam, pegavam e construía casas lá em cima com os materiais da sua velha casa, a população demolia suas casas antigas para aproveitar os materiais para reconstruir na cidade nova.

E5: Quando os furneiros chegaram pra negociar, eles falava só com os fazendeiros grandes, quem tinha muita terra. A gente que tinha um pedacinho de terra que custou a conquistar eles nem negociou não.

E4: Eu era muito novo, eu tava assim adolescente ainda, um pedaço que eu me lembro bem é que eles passou, marcaram as altura, os fazendeiros ficaram desesperados sabendo que tem que mudar, tem que desmanchar, tem que sair. Eu me lembro que quando a água tava subindo eles tava subindo de lancha, helicóptero, avisando pra tirar o povo da beira do rio.

E2: A maioria do pessoal morava nas partes mais baixas, então pegou logo, tomou as casa tudo. Grande parte foi levado pras igrejas que ficava nas partes mais alta, Furnas botou umas lancha pra tirar mudança e algum caminhão também dando socorro, mais foi tudo muito rápido. Pessoa saia só de mala mesmo, a maioria deixava tudo pra trás. (...) A maioria das pessoas só abria as porteira pros animais sair. Chiqueiro... abria a porteira pros porco. Não deu tempo de nada.

Furnas inundou Guapé em duas partes, quando fecharam as comportas na primeira vez a água chegou rápido demais e não deu tempo da empresa terminar as obras.

E1: A cidade de Guapé não tava pronta pra receber o povo, em cerca de 10 dias a água já tava no correio da cidade. Então o que aconteceu, Furnas paralisou a inundação por um tempo, pra poder até dar tempo do povo conseguir acabar a cidade nova. Ai depois de alguns meses com Furnas paralisada, alguns guapeenses chegaram a ter um raio de esperança se perguntando se iria parar por ali.

E5: Quando essas água veio, “nois” punha uma rede aqui na cintura pra poder “panhar” café dentro da água, com a água batendo pra cima da cintura. Os peixe ficavam mordendo nossas pernas, “nois” sofreu demais, tinha dia que saia sangue das pernas, tinha peixe de todo tamanho.

Quando as obras terminaram as águas voltaram e com essas grandes mudanças na vida dos moradores acometidas pela chegada das águas, muitos cidadãos que já estavam com os sentimentos e o psicológico abalados, não aguentaram tamanho desgosto.

E1: Assim que as obras da cidade nova terminaram as águas vieram de novo, encobrendo o quintal das casas, começou a entrar pras praças. Ai foi o momento mais triste da história que foi quando a água de Furnas invadiu o centro da cidade de Guapé.

E4: Um fazendeiro tinha um pedaço de vargem muito grande, de terra plana, e esse ficou louco. Depois que a água veio, tampou tudo e eles vieram morar dentro da cidade nova. Ele não teve mais saúde pra fazer mais nada. Ele ficava só andando pra rua, os filho acompanhando ele, vigiando, conversando, e ele só pra rua, passava dia e noite “cramando”, falando das terras que tinha... que perdeu tudo.

E1: Quem não sabia administrar a indenização que recebia, perdia tudo e ia morar debaixo de ponte. Guapé teve vários fazendeiro que perderam tudo, tudo mesmo.

E4: Como o povo não acreditava que a água ia tampar aquele terreno, tinha muita lavoura de milho madurando, arroz assim pra madurar, tudo plantado ai a água veio e tampou tudo, teve aquela perca toda de grãos.

Uma curiosidade é que Guapé possui 22 distritos em seu território, isso aconteceu devido a chegada das águas que fizeram com que muitos moradores que perderam terras mas não quiseram se mudar para a cidade nova procurassem outro lugar para recomeçar.

E1: Quem não ia pra fora as vezes quando perdia suas terras da cidade antiga ia morar mais em comunidades acima. Juntava um povinho ali, uma pessoa fazia uma comunidade, surgia assim aquele povoado, foi surgindo comunidades. Por isso que hoje o Guapé tem tantas comunidades, quando chegou Furnas o povo foi morando nas redondezas.

Nos dias atuais, observando a história de Guapé, mesmo que ainda existam lembranças tristes dos acontecimentos de 1963, a cidade está caminhando para um melhor desenvolvimento. Para isso conta com o turismo que atrai mais de 20 mil visitantes por ano. Sendo banhada pelo lago, as pousadas e ranchos que ficam à sua extensão, passeios náuticos e o Ipê Campestre, clube da cidade que fica às margens da represa chama à atenção de turistas de todo o Brasil.

E6: Não existe dúvida alguma que temos uma vocação natural para o turismo. Um lago onde temos próximo de 200 km de orla, com águas profundas e quase límpidas, cachoeiras, serras maravilhosas, história interessante e outras mais. O Turismo poderá se tornar em breve nossa maior fonte de renda, após o café. Se juntar os dois, vira uma combinação perfeita, que seria o chamado “Turismo Rural”.

Além do lago, a cidade conta com trilhas ecológicas, paisagens, mata nativa que preserva a fauna e a flora da região, mais de dez cachoeiras e comida típica mineira.

E1: Hoje, Guapé ela é maior do que a cidade antiga, há pessoas que digam que ela é mais bonita do que a cidade antiga, ela tem mais oportunidade, ficou mais conhecida. Guapé a cada dia que passa cresce e vem muita gente de fora pra Guapé pra poder morar aqui na cidade. Inclusive há bairros aqui da cidade que maioria das casas são de turistas. Hoje Guapé também tem a pedreira que emprega muito guapeense, tem a prefeitura que é a maior empresa da cidade que emprega muita gente também. Os cafés, tem lavoura de Guapé que emprega gente de fora, vem pessoas da Bahia pra poder trabalhar aqui.

E6: A cidade tem 12 pontos fortes, o local em si, a cultura, segurança, natureza, as belezas, a qualidade e profundidade das águas que são cristalinas, saneamento, um



destino agradável, é uma boa região para se fazer investimentos, busca a inovação e tem uma ótima localização.

Sua bagagem histórica e cultural também fascina muitas pessoas, a cidade possui resquícios da antiga Guapé, como a Rua Três de Fevereiro que não foi inundada e conserva casas antigas. O casarão que funciona como Casa da Cultura da cidade e também museu cultural onde ficam armazenadas todas as memórias físicas da cidade velha, os próprios restos de construções que surgem quando o nível do Lago de Furnas está muito baixo, artigos de jornais e revistas que falaram da inundação na época, fotos e objetos de grandes casarões da antiga cidade.

E1: Quando a água de Furnas abaixa você encontra os pedaços da igreja, fundações de casas, calçadas de pedra, troncos de árvores, batente de porteira. No volume morto de Furnas, que é onde a empresa não abaixa, encontra pontes intactas, casas. E também possuem as casas sobreviventes da velha Guapé né.

O Bangalô é uma das construções da antiga Guapé que não foi submersa, fica à beira do lago e carrega muita história sobre a velha e nova Guapé.

E1: Bangalô é uma casa pequena, na maioria das vezes possui alpendre e mansardas, e os bangalôs ficam próximos do mar. O bangalô aqui de Guapé já foi tudo que você que pensar, casa de professor, escritório de dentista. Durante a construção da hidrelétrica os ferveiros pegaram o bangalô pra ser escritório deles. Quando as obras terminaram e o pessoal de Furnas foi embora, eles deixaram o local e as águas chegaram até na porta dessa casa, cobriu até o quintal.

Como a casa não foi inundada, passou a ser um símbolo e um marco de resistência pra cidade. Por um tempo foi um bar muito famoso que atraía milhares de pessoas, já que ficava próximo ao lago que banhava a cidade. Em 2002 o Conselho da Cultura entrevistou e tombou a casa que se tornou patrimônio histórico, para preservar suas características originais que estavam sendo perdidas.

E1: O bangalô foi transformado em uma casa da cultura, ele foi reformado e pintado para voltar a ser do jeito que era antes do bar, e esse bangalô funcionou como casa da cultura de 2002 até 2012 e recebeu nesse período de tempo mais de 9 mil visitantes, sendo guapeenses, turistas, gente de tudo em quanto é canto. Aí depois disso o funcionário que cuidava da casa aposentou, já tava ficando cansado e de pouquinho em pouquinho a casa foi fechada.

Com o passar dos anos, a partir de 2012 até hoje, a história e a cultura de Guapé passou a ser mais valorizada pelos moradores e órgãos públicos, recebendo mais atenção e valorização. Em 2020 o bangalô recebeu uma nova reforma e foi reaberto ao público, possui um grande peso cultural para a cidade e também armazena muitos objetos, documentos, imagens e lembranças da antiga Guapé. Além dele, o São Francisco que ficava na frente da

antiga igreja matriz fica submerso na água trazendo as memórias de sua história, seu sofrimento e seu recomeço, mas lembrando que Guapé segue o seu lema escrito em 1924, “Flutuarás, não afundarás”.

Figura 7 - Guapé hoje



Fonte: Facebook – Guapé: memórias em fotos e fatos (2019).

## 5. CONCLUSÃO

Este estudo demonstrou a história de Guapé antes e depois de ser inundada por Furnas, desde seu começo, a criação de hidrelétrica, a chegada das águas e como a cidade está hoje. Podemos concluir que a história da cidade sofreu grandes impactos com a inundação causada pela usina na década de 1960. Impactos estes que vão desde físicos, com perda de casas, fazendas, ficando 206km<sup>2</sup> de terras submersas e desaceleração no crescimento local. Até impactos mentais na saúde de guapeenses que vivenciaram momentos de tristeza e sofrimento.

Vale ressaltar que apesar do ocorrido e dos impactos, Guapé se mantém firme, prosperando com o turismo e retomando seu crescimento que ficou parado tantos anos. No entanto, mesmo a cidade se encaminhando para um bom desenvolvimento, com o estudo do tema ao longo do trabalho, não podemos deixar de nos questionar e imaginar uma Guapé sem a invasão das águas. Se Furnas não tivesse inundado a cidade, nesses 60 anos, o local poderia ter evoluído a ponto de se tornar um grande município.

Para um maior entendimento sobre a situação da cidade hoje, é imprescindível que novas pesquisas sejam realizadas e que novos dados sejam colhidos, buscando detalhes sociais, políticos e econômicos, principalmente acerca da presença do turismo na economia local. Com o objetivo de aprofundar no retrato atual da cidade de Guapé atualmente e como ela vai estar nos próximos anos se continuar nesse ritmo.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA NACIONAL DE ENERGIA ELÉTRICA (ANEEL). **Compensação Financeira pela Utilização de Recursos Hídricos - CFURH**. 2021. Disponível em: <<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cme/apresentacoes-em-eventos/apresentacoes-em-eventos-2021/01-06-2021-transparencia-no-uso-e-controle-social-da-cfem-e-da-cfurh/ANEEL%20-%20Carlos%20Cabral.pdf>>. Acesso em 23. set. 2022.

BARBOSA, José Dalton. **José Dalton de Guapé-MG e seus causos**. Franca/SP: Ribeirão Gráfica Editora, 2022.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Regulamentação, normalização e certificação em turismo de aventura**. Relatório diagnóstico. Brasília: Ministério do Turismo, 2005. Disponível em: <<https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo-/publicacoes/segmentacao-do-turismo/regulamentacao-normalizacao-e-certificacao-em-turismo-de-aventura.pdf>>. Acesso em: 26 ago. 2022.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo de pesca: orientações básicas**. Brasília: Ministério do Turismo, 2010a. Disponível em: <<https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo-/publicacoes/segmentacao-do-turismo/turismo-de-pesca-orientacoes-basicas.pdf>>. Acesso em: 30 ago. 2022.

BRASIL. Ministério do Turismo. **Turismo náutico: orientações básicas**. Brasília: Ministério do Turismo, 2010b. Disponível em: <<https://www.gov.br/turismo/pt-br/centrais-de-conteudo-/publicacoes/segmentacao-do-turismo/turismo-nautico-orientacoes-basicas.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2022.

CENTRO DA MEMÓRIA DA ELETRICIDADE NO BRASIL. **Panorama do setor de energia elétrica do Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro (RJ): Memória da Eletricidade, 2006.

FRANCO, José. **Guapé vai ser apenas um livro na parede**. Edição nº 22, Rio de Janeiro, Revista O Cruzeiro, 9 de jan. 1963.

FUNDAÇÃO JOÃO PINHEIRO. **Perfil municipal de Guapé**. [2019?]. Disponível em: <<http://imrs.fjp.mg.gov.br/NovoPerfil?id=319>>. Acesso em: 18. set. 2022.

FURNAS. **Memória da eletricidade**. [2006?]. Disponível em: <<https://memoriadaeletricidade.com.br/acervo/499/furnas-centrais-eletricas-sa-furnas>>. Acesso em: 23. set. 2022.

GUAPÉ. **Relatório análise do turismo de segunda residência**. Prefeitura Municipal de Guapé, Vianda de Paula Soluções e Resultados, 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Enciclopédia dos Municípios Brasileiros**. Rio de Janeiro,. Planejada e orientada por Jurandyr Pires Ferreira. Rio de Janeiro, 1959.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades**. 2021. Disponível em: < <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/guape/panorama>>. Acesso em: 10. set. 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Brasil em Síntese**. Disponível em: < <https://brasilemsintese.ibge.gov.br/servicos.html>>. Acesso em: 18. set. 2022.

LEMOS JÚNIOR, Clésio Barbosa. **A implantação da Usina Hidrelétrica de Furnas (MG) e suas repercussões**: estudo sobre a territorialização de políticas públicas. 2011. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geociências da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 2011.

MAIA, Passos. **Guapé Reminiscencias**. Rio de Janeiro: Pongetti, 1933. (Edição Fac-símile).

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do trabalho científico**. 6ª ed. São Paulo, SP: Atlas, 2001.

OBSERVATÓRIO DO TURISMO DE MINAS GERAIS. **Painel BI RAIS 2020**. 2020. Disponível em: <<https://app.powerbi.com/view?r=eyJrIjoiZDFIZGY1MTItYTMzMjMy00NjBmLWFlOGYtM2FjOTNlMmMwZjZlIiwidCI6IjlkOGUwZDdjLWlxYzEtNDI0OC1iMTM5LWUzODQ1M2U4MjRiZiJ9&pageName=ReportSection9cb77487a349034ec927>>. Acesso em 20 set. 2022.

PERES, Esmeralda Ávila; MAIA, Leila Oliveira. **Guapé: ontem e hoje**. Guapé: Gráfica Tamóis, 1980.

CORREIA, Eduardo Franklin. Edição Especial 50 anos de Furnas. **Revista Furnas**. Rio de Janeiro, ano 32, n 337, fev. 2007.

SCHERERWARREN, I. **Redes de movimentos sociais**. São Paulo: Loyola, 1996.

TIBÚRCIO, Walquires. **Guapé e outras histórias**. Goiânia: Elysium, 2019.